

# Experiências de cultivo de antúrio para flor de corte em Pernambuco

## Cultivation experiences of anthurium as cut flower in Pernambuco

VIVIAN LOGES<sup>1</sup>, ANA CECÍLIA RIBEIRO DE CASTRO<sup>2</sup>, MARIA DO CARMO FERRAZ TEIXEIRA<sup>3</sup>, MARIO FELIPE ARRUDA DE CASTRO<sup>1</sup>.

### Introdução

O Estado de Pernambuco produz flores tropicais principalmente na Zona da Mata e Litoral. As condições climáticas da região favorecem o florescimento, a coloração, tamanho das inflorescências e qualidade das hastes. Embora Pernambuco seja referência na comercialização de Helicônias (Heliconiaceae), Alpinias, Bastões (Zingiberaceae) e Costus (Costaceae), ainda é pouco expressivo o plantio em larga escala de Antúrios (Araceae).

O primeiro cultivo comercial de antúrios em Pernambuco, o qual é mantido até hoje, iniciou por volta da década de 70, em Camaragibe, com mudas originárias principalmente de São Paulo além de outras regiões do Brasil. Foram inicialmente plantadas em baixo de árvores, sob sombreamento natural e utilizando manta de mata ou serrapilheira como substrato. Por muito tempo, os poucos cultivos que existiam foram conduzidos utilizando variedades desenvolvidas localmente, propagadas por seccão do caule, separação dos brotos ou por sementes, que passaram por processos empíricos de melhoramento. A propagação por sementes, apesar de não ser conveniente foi muito utilizada originando plantas com grande variabilidade. As informações em relação às técnicas de cultivo eram obtidas através de trocas de experiências com produtores de outras regiões. Posteriormente, a partir da iniciativa dos próprios produtores, foram desenvolvidas técnicas de cultivo adaptadas as condições locais.

Em 1993 realizou-se em Recife o IX Congresso Brasileiro de Floricultura, promovido pela Sociedade Brasileira de Floricultura e Plantas Ornamentais. Durante o Congresso foi apresentado um seminário sobre a floricultura tropical, ressaltando o interesse dos mercados europeu e norte americano por essas flores. Até então, haviam apenas colecionadores de flores tropicais, uma herança provavelmente dos projetos de Roberto Burle Max, quando introduziu o uso de plantas tropicais e nativas no paisagismo em Recife nos anos 30.

A primeira associação de produtores foi criada em 1994 com o objetivo de reunir pessoas interessadas em desenvolver a floricultura tropical em Pernambuco com fins comerciais. A partir de 1997 os produtores passaram a contar com o apoio da Delegacia Regional do Ministério da Agricultura, e iniciaram-se as articulações com o SEBRAE conjuntamente com a APEX e IBRAFLOR, sendo elaborado e aprovado um Plano de Ação para o Desenvolvimento da Floricultura em Pernambuco.

Apesar de todos estes incentivos à floricultura tropical, poucos produtores dedicaram-se ao cultivo de antúrios provavelmente devido ao elevado custo inicial de implantação com a aquisição das mudas e construção dos telados. A partir de 1998, vislumbrando o potencial da cultura e o acesso a novas tecnologias, alguns produtores

<sup>1</sup>UFRPE, Av. D. Manoel de Medeiros, s/n, 52171-900 Recife-PE, vloges@yahoo.com, macastro@hotmail.com.br; <sup>2</sup>EMBRAPA-CNPAT, Douroranda da UFRPE, cecilia@cnpat.embrapa.br; <sup>3</sup>Fazenda Mumbecas Flores Tropicais Ltda., mariadocarmo@florestropicais.com.br

iniciaram o cultivo de antúrios selecionados para produção comercial, utilizando cultivares do Instituto Agrônômico de Campinas (IAC) e outras provenientes de empresas Holandesas, apesar do alto custo para aquisição das mudas e exigência do estabelecimento de contrato.

### **Cultivo**

As condições climáticas do Litoral e Zona da Mata de Pernambuco (Figura 1) atendem às condições de cultivo descritas por Tombolato et al. (2004), sendo necessária a irrigação apenas em determinadas épocas do ano. São observadas pequenas diferenças nas operações para implantação do cultivo e práticas de manutenção adotadas em plantios de antúrio em relação a outras regiões do país.

Os telados, de dimensões variadas, são sustentados por mourões de madeira, concreto ou tubos de PVC (50 mm) preenchidos com areia, a partir dos quais são esticados os cabos de aço. Sobre estes são estendidas telas que proporcionam 80% de sombreamento. Nas laterais é utilizada a mesma tela ou cerca viva.

Nos canteiros com 1,20m de largura é utilizado substrato composto de areia grossa, estrume de boi curtido e fibra de coco (1:1:1), na quantidade de 0,18 m<sup>3</sup>/metro de canteiro. Esses materiais, abundantes na região, são repostos a cada quatro meses, isto é, três vezes ao ano. Alguns produtores têm usado pedaços de casca do coco e de troncos para elevar os canteiros e cobrir as raízes. Observa-se também, que no preparo dos canteiros, cavam uma vala de 0,3 m de largura e 0,3 m de profundidade em toda sua extensão, sendo esta preenchida com carvão vegetal para favorecer a drenagem.

A cada seis meses é colocada areia grossa nas entre linhas para reduzir o crescimento de plantas invasoras, facilitar o caminhamento e favorecer a drenagem. Quanto à irrigação observa-se o uso de aspersão, microaspersão, gotejamento ou apenas a aguação com mangueiras.

As principais cultivares plantadas, regionais e melhoradas, são:

- Vermelho: Eidibel (IAC), Tropical (Anthura), “Mini” (regional);
- Branco: Acropolis (Anthura), Cananéia (IAC), “Rica Flora” (regional), Champion (Anthura);
- Rosa: *A. ferrierense*;
- Obake: Francês (regional), Amigo (Anthura);
- Verde: Midori (Anthura);
- Laranja: Astral (IAC);
- Outros: Netuno (IAC), Choco (Anthura), Safari (Anthura), Carnaval (Anthura), Fantasia (Anthura).

As mudas são adquiridas de empresas especializadas ou através da propagação vegetativa de plantas próprias. Os produtores tem relatado certa dificuldade na aclimação das mudas, principalmente quando estas são adquiridas muito pequenas. A propagação vegetativa utilizando os colmos apresenta bons resultados, sendo estes simplesmente deitados sobre o canteiro e levemente cobertos com matéria orgânica. As mudas também são obtidas de perfilhos laterais.

O espaçamento depende do cultivar. Para as variedades de grande porte tem-se adotado o espaçamento de 0,50 m entre covas com duas plantas por cova, perfazendo uma densidade de 8 plantas/metro linear de canteiro. Outras variedades, com menor porte, são plantadas com o espaçamento de 30 cm entre plantas, em linhas alternadas. O tutoramento ainda é feito planta a planta, apesar de ser uma prática trabalhosa. A adubação adotada pela maioria dos produtores tem sido orgânica, embora haja a recomendação de adubação mineral para antúrios no estado de Pernambuco. Poucos são os produtores que utilizam fertirrigação ou adubação foliar.

Em relação a pragas e doenças foram registradas a ocorrência de antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides*) e fusariose (*Fusarium* sp.) (informação pessoal, Dr. Rildo Satori).

Periodicamente é efetuada a remoção de

plantas invasoras e poda das folhas danificadas. Como as folhas também são comercializadas, procura-se sempre remover as folhas mais velhas, porém que apresentem qualidade, mantendo as plantas com quatro a cinco folhas.

Embora não tenha sido efetuado levantamento da produtividade de antúrios originários de mudas por cultura de tecido, os produtores tem observado que a produção comercial inicia a partir do 2º ano.

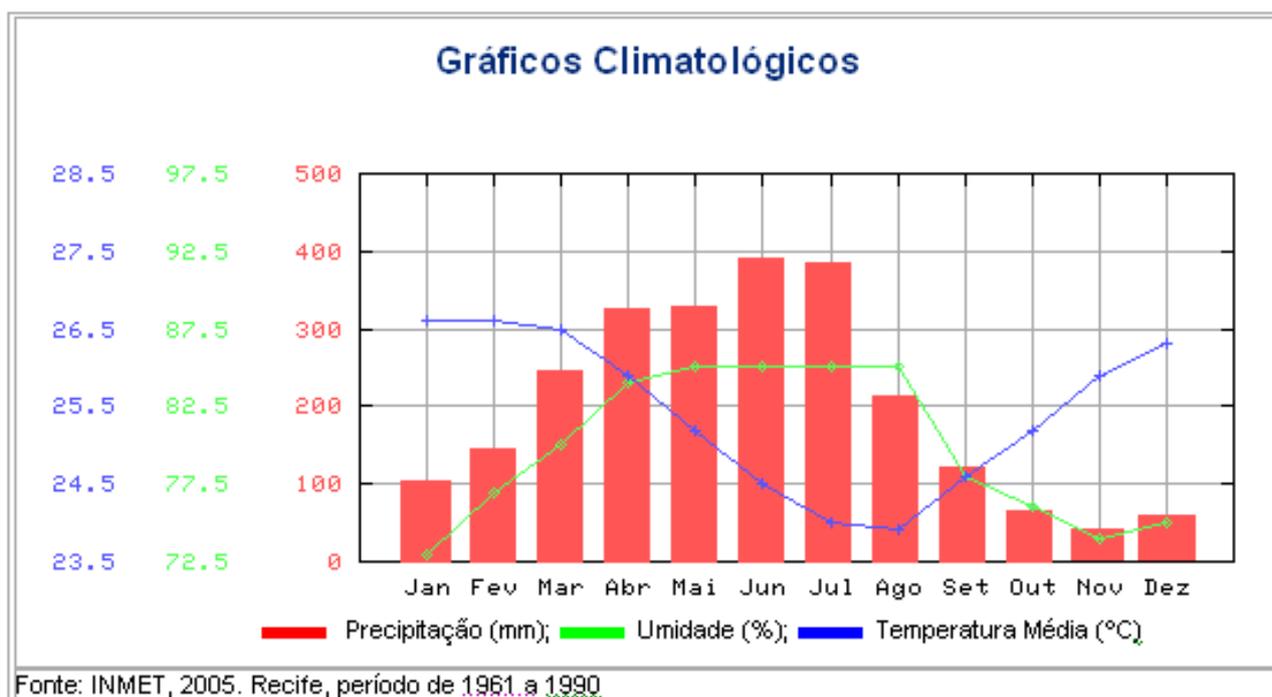
### Colheita e embalagem

Os antúrios são colhidos com o pedúnculo floral firme ou quando mais da metade do espádice esta maduro, observado a partir da alteração da coloração. A limpeza da espata em água é efetuada apenas quando necessário. A classificação é baseada na largura das espatas, sendo pequeno (menor que 8 cm), médio (entre 10 e 12 cm) ou grande (maior que 12 cm). As hastes que apresentam deformidades, manchas ou perfurações nas espatas são descartadas.

As caixas de papelão utilizadas para transportar antúrios em Pernambuco apresentam as medidas de 1,15 x 0,40 x 0,18 m (com tampa) ou 1,05 x 0,30 x 0,20 m. Essas caixas também são utilizadas para o transporte de outros tipos de flores tropicais. São confeccio-

nadas com papelão não reciclado e observando o padrão de medidas nacionais e internacionais para permitir melhor aproveitamento na paletização. Contém informações como local de origem, empilhamento, posição da caixa e temperatura mínima e máxima de manutenção (15 °C).

No processo de embalagem são colocados sacos plásticos isolando a espádice da espata para evitar o contato entre estas e então colocados nas caixas em camadas superpostas, formando um tipo de entrelaçamento das hastes na parte inferior da caixa. Desta forma evita-se o movimento dentro da caixa que pode causar danos nas espatas por atrito ou nas extremidades devido a impactos nas laterais da caixa. As caixas, normalmente preparadas com uma só cultivar para facilitar a arrumação, podem conter de 100 a 150 hastes, dependendo do tamanho da espata da cultivar. Como a maioria da comercialização destina-se para o próprio Estado ou para o Nordeste ainda não são utilizadas as caixas padrões para antúrio exigidos pelos mercados do Sudeste. Alguns produtores não utilizam caixas de papelão.



### ***Pesquisas em Pernambuco***

O Laboratório de Floricultura do Departamento de Agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) vem desenvolvendo pesquisas em parceria com produtores de flores desde 1999. A aprovação de projetos pelo ETENE-FUNDECI e PROMATA-FACEPE permitiu a condução de vários experimentos atendendo as demandas regionais.

Entre os experimentos conduzidos, no período de outubro a dezembro de 2002 em Paulista-PE, foi observado o desenvolvimento e o tempo para colheita de *A. andraeanum* cvs. Eidibel, Cananéia e Champion. Para tanto, em inflorescências com as espatas visíveis acima das folhas porém ainda fechadas, foram atribuídas, semanalmente, as notas: 1 - espata fechada; 2 - menos da metade da espata aberta; 3 - mais da metade da espata aberta; 4 - menos de 2/3 da espádice madura; 5 - 2/3 da espádice madura (ponto de corte); 6 - mais de 2/3 da espádice madura e firmeza no caule. Observou-se que estas atingiram o ponto de corte entre 20 a 29 dias após a marcação das hastes (Souza et al., 2003).

Vários cultivares de antúrio do IAC e da Holanda são cultivadas na Zona da Mata de Pernambuco. Embora os produtores relatem que estes materiais têm ótimo desempenho e alguns apresentem dimorfismo conforme a época do ano, nenhum levantamento da produtividade e qualidade foi conduzido. Projetos com este intuito foram enviados para vários órgãos de fomento a pesquisas porém não foram aprovados. Os produtores solicitam pesquisas em relação ao período de produção dos cultivares, número de folhas ideal por planta nas cultivares e comparação da prática de tombamento das mudas sobre o canteiro como adotada na Holanda em relação

a poda drástica.

A família das aráceas apresenta, além do *A. andraeanum*, uma série de espécies dos gêneros *Philodendron*, *Alocasia*, *Monstera* que podem ser utilizadas na floricultura, como folhagens de corte ou no paisagismo, porém, esta atividade ainda é limitada. Algumas destas espécies são retiradas da natureza ou cultivadas sob sombreamento natural, não apresentando a qualidade necessária para comercialização. Em virtude desta demanda, estão sendo conduzidos experimentos para avaliar o potencial de uso como folhagens de espécies dessa família, através de observações periódicas dos caracteres: número de folhas emitidas; aspectos morfológicos das folhas (cor, comprimento e largura do limbo foliar, comprimento da haste foliar, flexibilidade); altura da planta; número e comprimento de perfilhos.

### ***Conclusão***

Atualmente dos 60 produtores de flores tropicais, aproximadamente 10 produzem antúrios, estando organizados em 3 associações e uma cooperativa. Entre as dificuldades observadas no cultivo de antúrios em Pernambuco tem-se: o plantio de poucas variedades; desuniformidade dos plantios, principalmente os mais antigos por serem originados de mudas de semente; dificuldade de acesso à mudas micropropagadas; alto preço das mudas; pequena produção dificultando a comercialização; perdas na pós-colheita por falta da adoção do ponto de corte adequado e por danos mecânicos.

O agronegócio de flores em Pernambuco tem crescido devido a investimentos privados e do governo nos setores produtivos, na preparação para o mercado externo e na pesquisa. Com estas estratégias, Pernambuco procura tornar-se mais competitivo no setor da floricultura e

um **Bibliografia**

INMET. [http://www.inmet.gov.br/climatologia/combo\\_climatologia\\_I.html](http://www.inmet.gov.br/climatologia/combo_climatologia_I.html). 31/08/2005  
 SOUZA, J.W.O.; PINHEIRO, P.G. L.; LOGES, V.; CASTRO, A.C.R.; LIRA JUNIOR,